

A conexão corpo-tecnologia: Derrick de Kerckhove

Na trilha da paisagem teórica desenhada por McLuhan, o pesquisador canadense Derrick de Kerckhove leva a Teoria da Mídia ao limite de algumas explorações conceituais. Seus estudos, ligados ao de seu antecessor, procuram compreender de que maneira os meios e tecnologias de comunicação se articulam com os seres humanos. A pergunta é semelhante àquela feita por McLuhan e Meyrowitz, mas a resposta oferecida por Kerckhove parece ser mais radical: cada mídia, com suas características específicas, pode interferir diretamente na psicologia humana, moldando a maneira como nos relacionamos com os outros e com a realidade em geral.

O conceito de “mídia” para Kerckhove é bastante amplo, incluindo todos os elementos capazes de transmitir e compartilhar informações, mesmo que não tenham sido feitos exclusivamente para isso. O dinheiro, por exemplo, é uma “mídia” na medida em que carrega em si um volume considerável de dados – informações sobre o país no qual foi feito, o valor que representa, a época em que foi criado e sua utilidade. A “mensagem”, nesse caso, não é o principal elemento. Aliás, como acontece em quase todos os autores da Teoria da Mídia, a “mensagem” em si não é o que mais importa na compreensão das relações entre meios de comunicação e seres humanos.

Não por acaso, define sua área de pesquisa como “Tecnopsicologia”, isto é, o “estudo das condições psicológicas dos indivíduos sob influência de inovação tecnológica”. A tecnologia, especialmente a mídia, não é apenas um instrumento para se transmitir e compartilhar informações. Mais do que um suporte para mensagens, é um elemento decisivo na formação da mente, dos modos de sentir, perceber e compreender a realidade.

A consciência humana, longe de ser algo estritamente natural, é produzida no contexto onde se vive, incluindo aí as tecnologias de comunicação. A

televisão, os celulares, o cinema, rádio e computadores formam o ambiente imediato no qual mente se forma e, por conta disso, interferem de maneira direta no modo como as formas de percepção do ser humano se desenvolvem. Em suas palavras, a tecnologia cria “campos tecnoculturais” dentro dos quais se está inserido.

Há uma espécie de teoria do conhecimento, bem como uma teoria da história, vinculada à Tecnopsicologia.

A realidade chega à mente humana pelos sentidos. No entanto, esses sentidos nem sempre operam sozinhos: ao contrário, em boa parte dos casos eles trabalham acoplados a algum outro instrumento que fica entre eles e a realidade – algo que está no meio, portanto, uma “mídia”. As roupas intermediam a relação com a temperatura e as condições do ambiente, assim como sapatos, bicicletas e carros são os meios, a “mídia”, com a qual as pessoas se relacionam com o espaço e com o movimento. Na medida em que esses elementos intermediam a maneira como a realidade chega à mente, eles também, de alguma maneira, interferem no modo como as informações atingem os sentidos. O resultado é uma interação mediada entre a mente humana e a realidade, transformando as percepções e a cognição conforme o uso específico de cada mídia.

Se McLuhan havia dito que “os meios de comunicação são extensões do homem”, Kerckhove parece levar essa afirmação às últimas consequências, indicando que as tecnologias de comunicação existem como parte integrada do ser humano, influenciando de maneira direta o modo como se entende a realidade.

Desse modo, as mídias não são concorrentes entre si pelo simples fato de que cada uma delas está ligada a um tipo diferente de relação entre a mente e a realidade. Suas características particulares formatam não só as mensagens de maneira específica, mas também a mente em seu relacionamento com o meio/mensagem. De acordo com suas características próprias, cada mídia requer algo específico da mente humana para ser compreendida e, igualmente, oferece um tipo próprio de experiência aos sentidos. No exemplo do próprio Kerckhove, não há por que imaginar uma suposta competição entre livros e televisão: cada um deles propõe um tipo completamente diferente de relação com o ser humano, e não são equivalentes.

Em cada época, as tecnologias de mídia disponíveis interferem no processo de formação da inteligência, auxiliando na construção das percepções e na maneira como será possível lidar com o mundo ao redor. Em suas palavras,

“quando a ênfase em um dado meio tecnológico muda, o todo da cultura se transforma”. A passagem dos anos de 1960-1970 para os anos de 1980 foi marcada pela chegada do computador, o que significou também alterações no modo de pensar e produzir cultura:

	1960-1970	1980
Meio dominante	Televisão.	Computador.
Conceito dominante	Cultura de massa; Produção em massa; Estar em todos os lugares ao mesmo tempo.	Cultura da velocidade; Instantâneo; Estar em um lugar quando isso importa.
Modelo de comunicação	Transmissão (direção única): “dar ao povo o que o povo quer”.	Rede (mão dupla): “descobrir o que as pessoas querem”.
Palavras principais	Mitos, ícones, imagens.	Lógica; inteligência artificial; sistemas peritos.
Fonte principal de metáforas	Corpo – sentidos – toques.	Cérebro; Sistema nervoso central.

Não por acaso, a cada geração as crianças parecem ter uma surpreendente familiaridade com a tecnologia. Trata-se, a rigor, não de uma maior familiaridade delas, mas do descompasso da geração anterior que teve de aprender a lidar com isso já na fase adulta. O senso comum parece ter uma percepção dessas alterações. Algumas pessoas, quando veem um nenê particularmente esperto, costumam dizer que “as novas gerações nascem sabendo de tudo”. Na perspectiva de Kerckhove, isso poderia ser entendido por conta do ambiente midiático no qual cada geração é formada.

O corpo conectado

Essa relação não se limita à mente, mas está ligada também ao corpo. Mais do que efeitos sobre a mente, a televisão, para Kerckhove, está ligada a processos de estímulo corporal, provocando em alguns momentos reações quase instintivas.

Isso pode ser percebido, por exemplo, em qualquer ambiente onde tenha uma televisão ligada, como bares, lanchonetes ou mesmo ônibus e metrô de algumas cidades. É muito difícil não olhar para a tela. Aliás, parece quase involuntário lançar olhares constantes, por mais que se queira conversar ou prestar atenção em outra coisa. Isso acontece por conta da relação direta entre as características da televisão e as da mente humana.

Mamíferos estão biologicamente programados, explica Kerckhove, para prestar atenção às menores mudanças no ambiente. Questão de segurança e sobrevivência. Estímulos imediatamente atraem a atenção. Na vida cotidiana, o estímulo provoca uma resposta qualquer e, terminado o ciclo, a questão está encerrada.

Diante da televisão, por outro lado, o fluxo contínuo de estímulos sonoros e visuais criam uma sensação de novidade permanente, de maneira que a mente não tenha tempo de lidar com um estímulo antes do próximo, tendo como principal resposta a atenção constante para saber o que vem a seguir. Não é por acaso que em filmes e telenovelas, mas também em telejornais, as cenas tenham duração cada vez menor.

Nesse sentido, provoca Kerckhove, não é o telespectador que “zapeia” a televisão, mas, ao contrário, a TV zapeia a mente do telespectador antes que ele possa mudar de canal. Independentemente da mensagem, as características do meio estão articuladas com o processo de compreensão da realidade pela mente.

O mundo real, aliás, é transformado e representado conforme a especificidade de cada meio. No caso da televisão, por exemplo, mesmo as notícias e documentários se tornam aparentados com a ficção, independentemente das intenções dos autores, diretores e jornalistas. O meio não apenas interfere na mensagem, mas na compreensão das pessoas em relação à mensagem.

Isso não se resume aos meios eletrônicos.

A organização do alfabeto lembra, em vários aspectos, aquela das mídias digitais. Assim como *bits* e *bytes*, as letras armazenam informações, os sons que representam, mas não funcionam se não estiverem em relação umas com as outras. Além disso, na medida em que formam palavras, ligam-se a um modo específico, desenvolvido pelo cérebro humano, para processar essas informações, decifrando o alfabeto a partir da ligação entre as letras e as palavras. “Aprender a ler e escrever” não é apenas saber codificar e decodificar mensagens, mas é estabelecer um modo completamente diferente de relacionamento entre a mente, o corpo e o mundo ao redor.

Kerckhove compara o alfabeto como um programa, altamente sofisticado e poderoso, responsável por boa parte da operação do mais poderoso instrumento existente, o ser humano. Essa programação formata a relação com a realidade e dá indicações preciosas de como o cérebro deve funcionar. Não só o cérebro, aliás: a leitura e a escrita são processos que envolvem não só

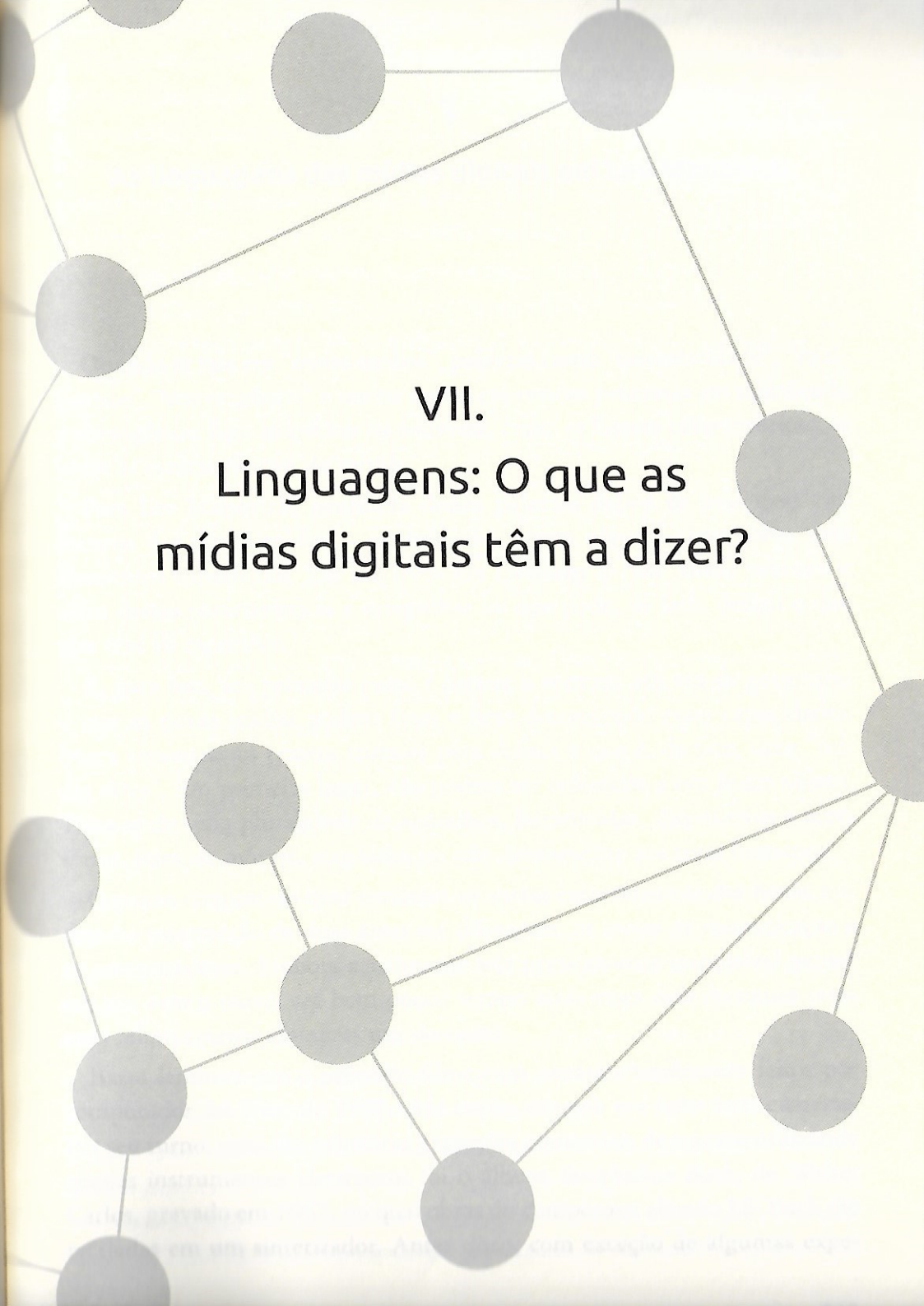
a mente, mas também o corpo, tanto no movimento dos olhos e da cabeça quando se lê quanto na coordenação motora para se segurar um lápis ou uma caneta. Nos adultos esse processo está muitas vezes tão integrado com o cotidiano que raramente nos damos conta de todos os fatores envolvidos, mas basta voltar aos primeiros anos de vida, durante o processo de alfabetização, para recordar que aprender a ler e a escrever não foi nada fácil. Não se tratou apenas de decorar um código, mas de instalar no corpo – mantendo a metáfora de Kerckhove – um programa completamente com instruções de ação.

As consequências sociais e políticas da constituição da mídia como “pele da cultura” não escapam ao autor. Em especial, por conta da mistura entre os espaços públicos e privados causados pelas mídias. “A eletricidade acelerou o espaço público, via TV, e o espaço privado, via computadores e redes”, explica. A convergência desses meios significa igualmente a convergência dos espaços, e, nesse sentido, as mídias digitais provocam um apagamento progressivo das fronteiras entre o público e o privado, alterando o sentido e as possibilidades da democracia, em especial na complexidade das redes da internet.

Representante do que poderia ser uma “terceira geração” da Teoria dos Meios, Kerckhove leva algumas concepções de Innis e McLuhan às fronteiras externas, procurando enquadrar elementos sociais, políticos, culturais e psicológicos da vida humana dentro do contexto das mídias digitais. Uma proposta de compreensão da realidade que, se não pode ser tomada essencialmente ao pé da letra, desafia a pensar na integração entre os meios – ou pelo menos o quanto seu olho está se movimentando na relação com estas letras.

© *Para tocar no assunto*

KERCKHOVE, D. *A pele da cultura*. São Paulo: Annablume, 2011.



VII.

Linguagens: O que as mídias digitais têm a dizer?